

Vivid Audio V1.5

Música vivida!



A Vivid Audio é uma empresa com fábrica situada na África do Sul, em Kwazulu-Natal, nas imediações de Durban, e cuja história e desenvolvimento estão relacionados com o reencontro de projectos de pessoas anteriormente associadas à Bower & Wilkins: Laurence Dickie, projectista de colunas, famoso pela concepção das Nautilus, e Robert Trunz, ex-co-proprietário da Bower & Wilkins. Após a passagem pela B&W a nova convergência de projectos profissionais entre Laurence e Robert surge quando este último conhece as ambições e projecto de uma empresa de consultoria de áudio ao nível da acústica, preconizados por Philip Guttentag, Bruce Gessner e Dee Gessner na África do Sul. O investimento e aposta destas cinco pessoas forjou a base para o desenvolvimento de uma gama de colunas da Vivid Audio lançadas em 2004.

Das leituras sobre a história da empresa há duas curiosidades que gostaria de realçar. Em primeiro lugar, segundo a página de Internet da marca (www.vividaudio.com), para além da unidade fabril na África do Sul, Laurence Dickie mantém uma unidade de investigação e desenvolvimento no Reino Unido, em Brighton, numa dicotomia/parceria que se vai observando com alguma frequência no mundo audiófilo e não só. Em segundo lugar e com base na informação disponível na página da Internet do distribuidor americano www.onahighernote.com/vivid, pude encontrar resposta para um dos mistérios que sempre caracterizou as Vivid:

as suas formas externas têm um toque de influência zulu.

As peças a que dedicaremos atenção, as v1.5, são colunas de duas vias com suporte integrado, o que significa que o construtor define logo à partida um conjunto de elementos, nomeadamente a rigidez do conjunto coluna-suporte, a integridade estética, a altura a que os altifalantes e pórticos ficam do chão, a amplitude de inclinação que a base do suporte possibilita com os *spikes* que acompanham a coluna e, por último, o preço, dado que não há necessidade de adquirir uns suportes. Esta opção permite também colocar o *crossover* na base das colunas junto das quatro fichas WBT que estão alojadas na parte posterior, ficando o corpo da coluna liberto apenas para as preocupações típicas de colunas de caixa. Ora esse é reconhecidamente um dos campos de especialidade de Laurence Dickie, dado que reza a história que terá sido a invenção da estrutura multipanel Matrix que optimizou a rigidez das caixas B&W que lhe valeu os créditos para ganhar a liberdade de desenhar uma coluna de referência para a marca. Mas outro dos campos onde Laurence Dickie tem créditos firmados é no desenho dos transdutores, dado que procurou dedicar-se ao desenvolvimento de colunas monitoras para áudio profissional depois da sua passagem pela B&W, centrando o seu trabalho no desenho de altifalantes. Assim, as soluções tecnológicas introduzidas nos altifalantes das Vivid Audio são originais e têm por filosofia a neutralidade e resolução que se pretende obter num trabalho de estúdio, tendo sido adaptadas para o contexto da alta-fidelidade.

O *tweeter* e o altifalante de gama média-baixa que equipam a v1.5 são igualmente utilizados nas colunas de topo de gama da marca, o que demonstra bem o investimento que a empresa pôs na sua concepção e a importância fulcral que lhes atribuiu no desempenho sonoro. O *tweeter* tem um diafragma de alumínio anodizado optimizado de forma a garantir que as frequências de *break-up* se situam acima dos 44 kHz, bem

longe do limiar de audição humana. Essa é uma opção técnica já expressa em diversas ocasiões por Laurence, que afirma que deve haver pelo menos duas oitavas de diferença entre a frequência mais elevada que se pretende que um altifalante reproduza e o seu ponto de *break-up*. No desenho das Vivid essa distância foi elevada para duas oitavas e meia. Adicionalmente, o *tweeter* está acoplado a um tubo especial que minimiza a interferência das ressonâncias internas, preservando a pureza do sinal, e está alojado numa posição recuada, otimizada para alinhamento temporal, sendo este modelo o único que incorpora uma *waveguide*, de forma garantir maior integração com o transdutor de gama média-baixa. Por seu turno, este altifalante de médios-graves, construído com o mesmo material, foi otimizado para ter um comportamento de «pistão» na largura de banda que tem a seu cargo, beneficiando da liberdade de movimentos que o pórtilo frontal lhe proporciona, e está montado num *o-rings* de borracha de silicone. A caixa é composta por um polímero complexo de carbono e fibra para obter rigidez, o interior foi otimizado para garantir um comportamento inerte e a forma arredondada da caixa reflecte os melhores princípios de combate aos efeitos nocivos dos ângulos rectos na construção de colunas. Indiscutivelmente as v1.5 têm um acabamento que invoca a robustez típica da indústria automóvel e que intuitivamente nos transmite um elevado padrão de qualidade e de confiança no investimento que representam.

As v1.5 foram testadas, digamos assim, a dois tempos. Num primeiro momento, o

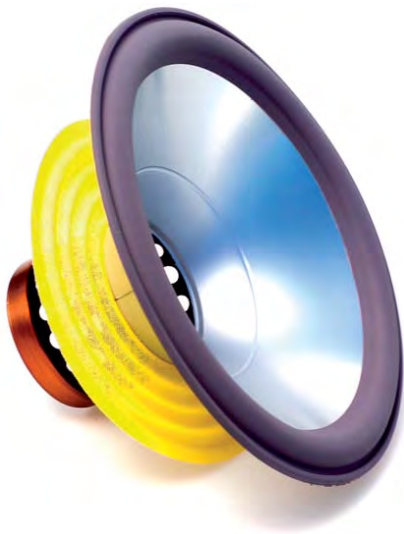


António Almeida e o Nuno Cristina, trouxeram e instalaram as colunas com o meu sistema residente: os Lyngdorf TDAI e CD-1, o Thorens modificado pelo Rui Borges ligado a uma ASR Mini-Basis Exclusive e um regenerador de corrente Power Plant Premier da PS Audio. Os cabos de serviço foram os Furutech Lineflux (balanceados na fonte digital e não balanceados na fonte analógica) e Speakerflux, que têm morado

cá em casa no último mês para análise, intercalados com o meu conjunto Heimdall da Nordost para referência. Nessa visita, após a desembalagem e colocação das colunas, o António e o Nuno procederam à afinação do sistema, ensaiando várias localizações e aberturas para as v1.5. Em menos de uma hora, revelaram-se satisfeitos com o resultado, tendo os últimos ajustes conseguido um equilíbrio entre a focagem do sistema e a tensão do grave, factores essenciais para qualquer configuração, mas em especial para a avaliação de colunas de duas vias que, por definição, têm limitações de extensão nas frequências baixas. Na minha opinião, para quem não conhecia a sala e a electrónica que alimentou as Vivid, foi sem dúvida uma afinação rápida e eficiente.

Num segundo momento, retornaram cá a casa os Nagra com leitor CDP, pré-amplificador PL-L e amplificador de potência MSA, que tive oportunidade de testar recentemente. O António Almeida, tendo desta feita perfeito conhecimento de todos os componentes do sistema, da electrónica, à cablagem e às colunas, realizou nova afinação, de forma a procurar obter na minha sala o desempenho sonoro que conhece destas peças e que no fundo revela





as suas potencialidades. Para além da saída de cena dos Lyngdorf e do gira-discos e da montagem dos Nagra, o tempo de afinação também não se alongou, muito embora, a dada altura, tenha receado que houvesse um sofá prestes a sair pela janela, para obter uma configuração equilátera com maior distância entre o local de audição e as colunas, acabando estas por ficar com um ligeiro *toe-in*. Garantida a focagem e demais critérios, foi deixar a música tocar e ouvi-la. E afinal, após tudo isto, como é o acontecimento musical quando apresentado pelas Vivid Audio v1.5?

Na audição de *Plaintive Rumba* da Lisa Ekdahl constata-se a boa focagem dos instrumentos, o piano bem definido como instrumento com percussão de cordas e com uma paleta de agudos muito bonita e o contrabaixo com tensão e articulação. Na faixa *Stranger on Earth* a bateria e os pormenores das «vassouras» são vívidos e bastante presentes, a voz aparece alta e focada, e em *Nature Boy* a percussão e ritmo são excelentemente apresentados e dão bom suporte à voz.

Com Cassandra Wilson em *You Don't Know What Love Is*, sentimos o cântico da angústia permanente do *blues*, a sabedoria emocional que advém do encontro e da perda e que conta com um trabalho notável de Brandon Ross na construção da harmonia que sustenta e potencia o lamento em forma de canção num duo tão coeso e cúmplice que apenas com uma brilhante passagem de um violino consegue alcançar a maior amplitude de drama e intensidade. Passamos para *Hellhound on My Trail*, e aqui Brandon Ross mostra toda a sua mes-

tria e conhecimento profundo da alma do *blues* interpretada na guitarra. Olu Dará empresta uma dose de criatividade e de humor só ao alcance de alguns, conseguindo o trio criar uma receita fantástica arrancada do fundo do lado mais traquinas do *blues*. Já em *Sankofa* as diferentes linhas de voz são destrincháveis sem diminuir a imensa harmonia colectiva que a riqueza e flexibilidade vocal desta artista evidenciam.

Se as grandes orquestras são um dos típicos calcanhares de Aquiles das colunas de duas vias, recorrendo a Richard Strauss em *Assim Falou Zarathustra*, o veredicto é inequívoco: a introdução é arrasadora. Mesmo que não nos queiramos esquecer que estamos perante uma coluna de duas vias, é um pouco isso que acaba por acontecer, de tal modo é forte a capacidade das Vivid para apresentar as transições dinâmicas que, nesta faixa, atingem a dimensão de uma autêntica avalanche sonora. Nas faixas seguintes desta obra são perceptíveis as capacidades de recriação espacial e de apresentação da diversidade de timbres dos elementos da Filarmónica de Berlim conduzida brilhantemente por Herbert von Karajan.

Já o colectivo reunido por Brad Mehldau num dos álbuns mais brilhantes que pude obter da colheita de 2010 (*Highway Rider*), na minha opinião, é uma obra que constitui um palco imenso para conhecer a incontornável criatividade, sensibilidade e intensidade de Brad Mehldau nas diferentes facetas que aí assume, dado que, para além de intérprete, é igualmente responsável pela composição, arranjos e orquestração dos 15 temas que compõem o álbum duplo. Naturalmente, que o elenco de luxo que o acompanha tem igualmente crédito nessa factura. Já há algum tempo que sinto que comparar Brad Mehldau a Keith Jarrett é uma enorme ofensa a ambos, tal é a diferença de estilos e projectos de cada um. E as v1.5 apresentaram as várias ideias deste projecto de um modo muito linear, aberto, com grande à-vontade e sem maior ou menor aptidão para certo tipo de música ou de conjuntos de intérpretes.

De facto, estas colunas são reveladoras das características da electrónica que as alimenta, mas sem excessos, isto é, não deverão ser difíceis de integrar com sistemas diferentes, nem exigem amplificações ou fontes com esta ou aquela especificidade mais vincada. E se não são

esquisitas à entrada, também não o são à saída pois, graças ao tempo de convivência de que dispus, por elas passaram Pink Floyd, Dire Straits, Carla Bley, Smashing Punkins, Rufus Wainwright, Placebo, Radiohead, entre outros, tendo-se observado sempre a mesma compostura, naturalidade e neutralidade.

Conclusão

Tendo a mão e sabedoria de quem, após criar umas colunas que são um autêntico *statement* no mundo áudiofilo, teve a ambição de desenhar colunas monitoras de áudio profissional, não será surpresa que as Vivid v1.5 revelem imensa informação e detalhe numa postura sonora aberta, linear e neutra. Com uma capacidade dinâmica generosa e coerência, rigor e naturalidade de timbre, as v1.5 têm um vasto leque de argumentos certos para cativar os ouvintes mais exigentes. Sem dúvida que as Vivid são um novo testemunho de quem não hesita em pensar *out of the box* e combinar novos conceitos e soluções com um vasto capital tecnológico e experiência nesta área. As v1.5 são uma excelente proposta de entrada de gama da Vivid e as colunas que mais vezes me fizeram pensar na expressão: «primeiro estranha-se e depois entranha-se».

Especificações técnicas:

Design: Coluna de caixa de duas vias, com pórtico frontal

Caixa: Polímero complexo de carbono e fibra

Altifalante de altas frequências:

2,6 cm, domo de metal

Altifalante de gama média:

15,8 cm, cone de metal

Sensibilidade: 89 dB/1 W @ 1 m

Ponto do crossover: 3000 Hz

Impedância: 8 Ohm, nominal

Potência admissível: 150 Watt RMS

Resposta em frequência:

42-24.000 Hz +/-2 dB no eixo de referência

Acabamento: Em várias cores

Medidas: 25,5 x 113 x 24 cm (LxAxP)

Peso: 23 kg/unidade (37 kg embalado)

Preço: 7300 €/par

Representante: Ajasom

Telefone: 21 474 87 09

www.ajasom.net

